



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

SOLANGE MONTEIRO BATISTA MARQUES

**ECOS DA ESCRAVIDÃO
NO CONTO “O ESCRAVO” DE CAROLINA DE JESUS**

**GUARABIRA/PB
2019**

SOLANGE MONTEIRO BATISTA MARQUES

ECOS DA ESCRAVIDÃO NO CONTO “O ESCRAVO” DE CAROLINA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Suely da Costa.

**GUARABIRA/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M357e Marques, Solange Monteiro Batista.

Ecossistemas da escravidão no conto "O escravo" de Carolina de Jesus [manuscrito] / Solange Monteiro Batista Marques. - 2019.

25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Suely da Costa, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura Afro-brasileira. 2. Escravidão. 3. Carolina de Jesus. I. Título

SOLANGE MONTEIRO BATISTA MARQUES

ECOS DA ESCRAVIDÃO NO CONTO "O ESCRAVO" DE CAROLINA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em: 21/11/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Suely da Costa
(Presidente - UEPB)



Prof. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva
(1ª Examinadora - UEPB)



Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
(2ª Examinadora)

GUARABIRA/PB

2019

Aos meus pais, Cícera Monteiro e Severino Avelino, pela dedicação e incentivo. À minha irmã, Silvana Monteiro, pelas contribuições e estímulos constantes desde o colegial. Ao meu esposo, Eduardo Marques, pela paciência, apoio incondicional e compreensão durante minha caminhada acadêmica; Ao amigo, Cleyton Silva, pelos ensinamentos e contribuições durante o curso e por acreditar em minha capacidade. E em especial à Profa. Dra. Suely Costa, por tudo que fez por mim, com vocês divido a alegria desta conquista, que é nossa, a todos vocês, DEDICO.

E viva os livros, porque é a coisa que eu
mais gosto, depois de Deus.

(Carolina de Jesus)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: breve contextualização.....	8
2.1 Singularidade da autora Carolina de Jesus	12
3. O SER ESCRAVO NO BRASIL	13
3.1 Ecos da escravidão no conto “o escravo” de Carolina de Jesus.....	15
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS.....	20
ANEXO A	22

ECOS DA ESCRAVIDÃO NO CONTO “O ESCRAVO” DE CAROLINA DE JESUS

Solange Monteiro Batista Marques¹

RESUMO

Este estudo tem por objetivo verificar como a questão da escravidão está posta na narrativa ficcional de Carolina Maria de Jesus, em específico, no conto intitulado “O escravo”. Ao longo do século XIX, a escravidão foi a grande questão do Brasil, tratada por alguns como uma instituição arcaica que atrapalhava o desenvolvimento econômico e social. Para entender como essa problemática está veiculada na ficção literária, em torno de uma narrativa em contexto histórico escravocrata, adotamos como fundamentação teórica os estudos de Lopedote e Kovalski (2014); Fanon (2008); Gonçalves (2016); Domingues (2005); Arruda (2015); Proença Filho (2004); Costa (1982), entre outros. Ao buscar representar o fenômeno da escravidão do negro, que foi legitimado pelo racismo e discriminação presentes na sociedade, a escrita literária de Carolina de Jesus mostra o quanto é necessário entender melhor as raízes que os alimentam, para que se possa desconstruí-los.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira. Escravidão. Carolina de Jesus.

ECOS OF SLAVERY IN CAROLINA'S JESUS TALE “THE SLAVE”

ABSTRACT

This study aims to verify how the issue of slavery is posed in the fictional narrative of Carolina Maria de Jesus, specifically in the tale entitled "The Slave". Throughout the nineteenth century, slavery was the great issue of Brazil, treated by some as an archaic institution that hampered economic and social development. To understand how this problem is conveyed in literary fiction, around a narrative in a slave-historical context, we adopted as theoretical foundation the studies by Lopedote and Kovalski (2014); Fanon (2008); Gonçalves (2016); Domingues (2005); Arruda (2015); Proença Filho (2004); Costa (1982), among others. In seeking to represent the phenomenon of black slavery, which was legitimized by the racism and discrimination present in society, the literary writing of Carolina de Jesus shows how much it is necessary to better understand the roots that feed them, so that they can be deconstructed.

Keywords: Afro-Brazilian Literature. Slavery. Carolina de Jesus.

¹ Licencianda em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Suely da Costa - UEPB
E-mail: solmonteiro097@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo verificar como a questão da escravidão está posta na narrativa ficcional de Carolina Maria de Jesus, em específico, no conto intitulado “O escravo”, publicado no volume *Meu sonho é escrever – contos inéditos e outros escritos*, livro lançado em 2018 pelo Ciclo Contínuo Editorial, organizado pela pesquisadora Raffaella Fernandez. O livro reúne vários textos, até então inéditos da referida escritora, o que torna importante a sua contribuição para a divulgação dos escritos deixados por “uma brasileira negra, pobre, pouco alfabetizada que, contra todas as determinações sociais então vigentes, viu-se alçada às luzes da ribalta e, apesar de usada e abusada, saiu-se com grande dignidade” (MACHADO, 2006. p. 109).

No conto “O escravo”, bem como em grande parte de seus escritos, apresenta-se quase frequentemente a figura do negro sempre perseguido, além de aspectos referentes à escravidão e ao racismo. Um exemplo de um quadro representativo da situação determinista posta ao negro aparece no capítulo “Os negros” do livro *Diário de Bitita*, ao afirmar que “O homem que nasce escravo, nasce chorando, vive chorando e morre chorando. [...] A escravidão era como cicatriz na alma do negro.” (JESUS, 1986, p.57-59). Os fundamentos das teorias da época, ainda que buscassem incluir o viés científico em seu conteúdo, para justificar a escravidão e a exploração branca sobre negros, buscou-se, por meio de um rótulo científicista, justificar as atrocidades cometidas contra os negros.

Ao longo do século XIX, a escravidão foi a grande questão do Brasil, tratada por alguns como uma instituição arcaica que atrapalhava o desenvolvimento econômico e social. No contexto das teorias deterministas raciais, os negros, escravos, passaram a ser “objetos de ciência”, tornando-se perigosos, sendo definidos como diferentes e inferiores, pois era a partir da ciência que se estabeleciam as diferenças e as inferioridades.

Por sua vez, a escritora Carolina de Jesus problematiza em sua narrativa a visão social comum daqueles habitantes que vivem à margem, tornando-se a primeira escritora brasileira cuja obra se dá a partir do cotidiano periférico, configurando uma literatura que trata dos marginalizados, uma vez que se inscreve no contexto sociocultural de então. Seus escritos dão forma a uma literatura que denuncia a segregação do negro.

O nosso interesse pela temática sobre o negro se deu a partir do momento em que Carolina de Jesus nos foi apresentada em uma das disciplinas ofertadas pelo Curso de Licenciatura Plena em Letras do Campus III da UEPB. Durante a graduação, temos a oportunidade de aprimorarmos nosso repertório de conhecimentos, bem como, encontrarmos-nos em uma determinada área, nesse caso, a literatura. Isso porque a construção literária, na sua esfera estética, abrange o processo histórico e contradições sociais. Embora não no cânone literário, Carolina de Jesus foi uma escritora de grande sucesso, a exemplo de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, *Pedaços de fome*, dentre outros. Carolina de Jesus já conta com uma considerável produção crítica de sua obra, em uma série de estudos sobre gênero, raça e classe.

Para este estudo, em torno de um conto acerca do contexto histórico escravocrata, centrado no contexto da Literatura Afro-brasileira, adotamos como fundamentação teórica os estudos de Lopedote e Kovalski (2014); Fanon (2008); Gonçalves (2016); Domingues (2005); Arruda (2015); Proença Filho (2004); Costa (1982), entre outros.

É importante pontuar, segundo Braga (2006), que o texto literário dialoga e poetiza a história social, mas nunca a reproduz fielmente. Compreendemos que para entender o fenômeno da escravidão, racismo e da discriminação presentes na sociedade, também é necessário fazer um estudo das representações concretizadas no imaginário ficcional de nossa literatura. Neste caso, é a literatura que possibilita o convite ao leitor de problematizar o racismo, colocá-lo em questão, entender melhor as raízes que o alimentam, para que se possa desconstruí-lo.

2. LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: breve contextualização

A literatura como um mecanismo de manifestação cultural de um determinado povo ou nação estabelece um diálogo das gerações que a leem com os acontecimentos de gerações passadas e, no que tange as causas da escravidão, possibilita o contato com o processo de instauração como instituição e suas consequências. Durante os mais de trezentos anos de vigência do sistema escravocrata no Brasil, tem-se produzido diversas obras literárias, desde historiadores a literatos com temas referentes à escravatura. Dada à riqueza dessas

produções, tem sido possível restaurar as variedades de consequências sociais, econômicas, políticas e as suas origens.

Quanto à produção literária, segundo Ianni (1988), é um fictício que constitui, vincula e modifica ao longo do tempo. Sendo irreal se formula “aqui e ali”, conforme conversas de “autores, obras, temas e invenções literárias”. Seu surgimento não acontece em apenas “um momento”, nem é autônoma a partir do primeiro. “É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e se transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo” (IANNI, 1988, p.91).

Do ponto de vista da produção literária voltada para a representação do negro no contexto da literatura brasileira, Proença Filho (2004), aponta para uma trajetória em que se destacam dois pontos: de um lado, tem-se a literatura sobre o negro, como objeto da representação e, de outro, o negro como sujeito, numa atitude compromissada, momento em que se tem uma presença mais efetiva de escritores negros.

Assim, a partir século XIX, é possível identificar vários escritores a produzir textos que abordam o negro, uns ainda presos a uma representação estereotipada, quando não romantizada, valorizando o negro, mas sem conseguir afastar-se da tendência ao branqueamento², ao passo que outros já revelam uma preocupação com a causa do negro brasileiro. Um posicionamento mais engajado de escritores com a representação do negro somente ganhou força a partir da segunda metade do século XX, momento em que grupos de escritores assumidos negros produzem obras literárias voltadas para a firmação cultural do negro na realidade brasileira. Conforme Proença Filho (2004, 176),

Essa tomada de posição literária relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros que marcam o início do século atual e vem ganhando contornos mais nítidos e definidos ao longo desse período histórico, com maior ou menor evidência. (...) Pouco a pouco, escritores negros e descendentes de negros começam a manifestar em seus escritos o comprometimento com a etnia.

O interesse pela Literatura Afro-brasileira amplia-se a partir do movimento negro no final da década de 1970, momento em que a produção literária tornou-se

² “A tese do branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca às vezes, pelo uso dos eufemismos raças ‘mais adiantadas’ e ‘menos adiantadas’ e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata” (SKIDMORE, 1976, p. 81).

uma aliada na construção de uma identidade negra, pois traz representatividade, conscientização sobre o “ser negro”, numa sociedade que não valorizava a produção literária escrita por autores/as negros/as.

Essa efervescência literária vem dar forma ao que se denominou de “literatura afro-brasileira”, ou “literatura negra”, termos que tem causado discussão entre os escritores e críticos dessa literatura. Há quem alegue que tais terminologias limitam o trabalho dos escritores, ao passo que outros, porém, defendem que o uso dessas expressões ajuda a destacar os sentidos da luta contra a exclusão dessa produção literária do cânone literário tradicional. Segundo os autores Lopedote e Kovalski (2014, p. 10):

A literatura afro-brasileira possui identidade própria, é uma literatura que ganha voz dentro do próprio enredo, ela rompe com as ideias eurocêntricas, buscando uma identificação entre sujeito e objeto e as histórias nascem da própria vivência e é nesse contexto que a literatura afro-brasileira busca formar um público leitor negro. (KOVALSKI e LOPEDOTE, 2014, p.10).

Neste trabalho, a escolha feita é pelo uso da expressão afro-brasileira, uma vez compreender que o próprio termo remete ao processo de mestiçagem cultural e linguística pelo qual passou e passa a sociedade brasileira. De uma forma mais específica quanto ao conceito de literatura afro-brasileira, Duarte (s/d), observa que esta resulta,

da interação dinâmica desses cinco grandes fatores – temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público – pode-se constatar a existência da literatura afro-brasileira em sua plenitude. Tais componentes atuam como constantes discursivas presentes em textos de épocas distintas. Logo, emergem ao patamar de critérios diferenciadores e de pressupostos teórico-críticos a embasar e operacionalizar a leitura dessa produção. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura afro-brasileira, mas sim o resultado de sua interrelação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepional são insuficientes³.

Conforme aponta Duarte (s/d), “essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa.” Contudo, é no século XXI que a literatura afro-brasileira passou por um momento de efervescência em realizações e

³ Fragmento retirado do texto “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, In: LITERAFRO – <http://www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em 25 de outubro de 2019.

descobertas, possibilitando a ampliação de seu *corpus*, tanto na prosa quanto na poesia.⁴

Ao se referir à literatura e sua relação com as questões postas pelo movimento de negritude⁵, a característica principal dar-se pela valorização e conscientização da imagem negra na sociedade, além disso, a busca constante por uma identidade, conforme destaca Fonseca, (s/d):

Os propósitos da Negritude explicam a força de uma literatura que se empenhava em assumir a condição dos negros na diáspora, mas também se fortalecia com a defesa da luta contra o colonialismo (...). Assumir-se negro, em qualquer um dos sentidos, significava ter consciência de que se estaria esvaziando o termo “negro” de significados produzidos por um processo perverso de exploração que manteve os africanos escravizados e os seus descendentes em estado de servidão durante séculos.⁶

Do ponto de vista da produção, estudos mostram o quanto se tem revelado uma literatura com “identidade própria” que se destaca ao longo dos anos. Uma literatura de experiência como tem sido a escrita da linguagem marcada pelos ideais da negritude, no ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade histórica e culturalmente específica. Uma literatura, cujos escritos buscam um espaço de destaque ao negro como autor, mas também de um leitor dessa literatura. Há quem aponte que brancos duvidaram da capacidade intelectual dos negros. Segundo Fanon (2008, p.104),

Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta.

Os negros durante sua trajetória tiveram que se adaptar ao que lhes foi imposto mesmo não negando sua identidade. Na obra literária, é possível compreender como o escritor apresenta sua visão perante a sociedade e sua época, nesse sentido a literatura é uma ferramenta de análise e tem a função de testemunho histórico.

⁴ DUARTE, E. A. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, In: LITERAFRO – <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em 25 de outubro de 2019.

⁵ Movimento literário a favor da personalidade negra e de denúncia contundente da dominação cultural e da opressão do capitalismo colonialista marcou a fundação da ideologia da negritude no cenário mundial (DOMINGUES, 2005).

⁶ FONSECA, M. N. S. “Literatura negra: os sentidos e as ramificações”. In.: LITERAFRO- <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em 25 de outubro de 2019.

É nessa perspectiva que se inscreve a escrita literária de Carolina de Jesus. Uma escrita marcada pela descrição da experiência vivenciada, mas também por um forte tom de denúncia. Uma ficção que se revela documental em destacar que “o preto sempre encontra obstáculos na vida.” (JESUS, 2018, p.94), conforme aponta a trama do conto objeto de estudo. Apesar de não estarmos mais na época da escravidão, o negro, muitas vezes, ainda sofre com o preconceito e segregação dada pela sua cor. De modo que o negro ainda se depara com situações que o estigmatiza, pois “ainda que fossem membros de uma classe privilegiada estavam marcados pelo estigma da cor, a qual não se pode esconder. Desse modo, imerso em uma atmosfera racista [...]” (GONÇALVES, 2016, p. 105).

No contexto da literatura de autoria afrodescendente, podemos dizer que o ser negro se caracteriza pela positividade, pelo reconhecer em nosso cenário social a cultura de seus ancestrais e vê-la como parte formadora da nossa sociedade, valorizando-a como elemento cultural, denunciando a discriminação.

2.1 Singularidade da autora Carolina de Jesus

Carolina Maria de Jesus, nascida em Sacramento, estado de Minas Gerais em 14 de março de 1914. Escreveu romances, diários, contos, crônicas, e poesias. Ao migrar para a cidade de São Paulo, a escritora que também trabalhou como doméstica, compôs algumas músicas, catou nas ruas paulistas papéis, entre outros materiais recicláveis durante grande parte de sua vida para sustento dela e de seus três filhos.

Descendente de escravos, a autora estudou apenas dois anos no colégio Allan Kardec, onde foi matriculada por intermédio da Sra. Maria Leite Monteiro de Barros, para quem sua mãe lavava roupas. Como seus pais sempre mudavam de cidade, Carolina frequentou apenas dois anos do colegial, mas foi durante esse período em que Carolina aprendeu a ler e escrever.⁷

Na obra de Carolina de Jesus, publicada ainda em vida inclui-se, *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (1960), *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada*, (1961), *Pedaços de Fome* (1963), *Provérbios* (1963). Após sua morte em

⁷ LITERAFRO: O PORTAL DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA. Escritora Carolina Maria de Jesus. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>>. Acesso em: 27 de outubro de 2019.

13 de fevereiro 1977, no ano de 1982, é publicado em Paris, o volume (com manuscritos de sua autoria) *Diário de Bitita (Journal de Bitita)*, e em 1997 é publicada uma série de poemas inéditos intitulada *Antologia pessoal*. Carolina de Jesus faleceu, mas deixou uma vasta produção literária inédita, que hoje se encontra conservada em algumas instituições do país.

Sobre a autora, (MIRANDA, 2013), em sua dissertação de Mestrado, intitulada *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: Experiência marginal e construção estética*, reitera que “a trajetória impar de Carolina Maria de Jesus foi profundamente marcada pela relação visceral que a autora estabeleceu com a palavra escrita [...]” (MIRANDA, 2013, p.36).

Arruda (2015), afirma que a prosa de ficção caroliniana expressa peculiaridades notáveis da autora e algumas específicas da sua narrativa. Os seus personagens correspondem aos da prosa, definida entre pobres e ricos na denúncia social de seu discurso. (ARRUDA, 2015, p.80).

3. O SER ESCRAVO NO BRASIL

No final do século XV, o mundo passava por um processo de globalização, desde a descoberta da América pelo navegador Cristóvão Colombo em 1492, que possibilitou uma integração e fluxo comercial entre as quatro partes do mundo, dando início à deportação de muitos escravos africanos para América no decorrer dos séculos.

O processo de captação e transporte de negros africanos para o Brasil e outros países, era cada vez mais gradual e lucrativo. Os europeus partiam com diversos produtos e trocavam os escravos por tabaco e cachaça com os traficantes de africanos. Muitos cativos foram trazidos para a América em condições desumanas. De modo que,

A partir do século XVI o tráfico de africanos para o Brasil tornou-se um negócio altamente lucrativo para comerciantes dos dois lados do Atlântico. Primeiramente, o tráfico era realizado por comerciantes portugueses, que foram sendo substituídos por brasileiros até que, no século XVIII, estes passaram a ter o domínio sobre os negócios do tráfico (AMARAL, 2011, p.11).

O Brasil foi um grande destino de cativos africanos que vinham para trabalhar nas plantações, contudo o combate ao tráfico foi se alargando e a Inglaterra que combatia o tráfico nos mares exigiu que o Brasil abolisse a compra e

o transporte de africanos. Depois de negociações o Brasil firmou que acabaria com o tráfico dentro de cinco anos sendo a data exata em 1831. Resultando na chamada Lei para Inglês Ver. “Pela Lei de 7 de novembro de 1831, o governo brasileiro cumpriu a promessa, considerando livres todos os africanos introduzidos no Brasil a partir daquela data.” (COSTA, 1982, p.27).

Em 1850, com a chamada Lei Eusébio de Queiroz, o tráfico externo foi abolido, vigorando o interno, pois muitos escravos eram comprados pelos fazendeiros de café da parte sudeste do país, dada queda da produção de cana de açúcar no nordeste. “Segundo a nova lei, a importação de escravos foi considerada ato de pirataria e como tal deveria ser punida.” (COSTA, 1982, p.29). As condições dos negros africanos eram desumanas, trabalhos compulsórios, castigos etc. e muitos fugiam para forma Quilombos.

De acordo com Costa (1982), o Brasil foi o país que recebeu mais africanos escravizados entre os séculos XVI e XIX, e o último do mundo a acabar com o cativeiro. Mesmo assim, após a abolição, manteve-se inalterado o modelo perverso de submissão dos negros. Isso porque a liberdade, consolidada pela assinatura da Lei Áurea, sem um projeto político voltado para uma mudança efetiva das relações e estruturas sociais, acabou se constituindo em um acontecimento que teve pouca ou quase nula relevância para os negros que, até então, viviam como escravizados.

Nesse contexto, a literatura, por sua vez, não refletiu efetivamente essa realidade. O tema do escravismo e da fuga dos escravos mereceu pouca ou nenhuma atenção dos nossos escritores, isso porque a literatura nacional era majoritariamente branca e europeia. No tocante à literatura afro-brasileira, a questão da escravidão fora temática de diversas produções a refletir sobre nossa herança escravagista.

Considerando o contexto atual, mesmo nos bojos das transformações, muitos estigmas antigos continuam. A história sendo feita de rupturas e continuidades. Quantas pessoas negras não tem acesso a diversos bens básicos e são totalmente excluídas por um sistema que valoriza o branco. De modo que o conto “O escravo” de Carolina de Jesus, nos atualiza e de um passo cujo reflexo é bem atual.

Embora a sua empreitada não seja exitosa, o negro representado na narrativa de Carolina de Jesus não se associa mais a certas interpretações da historiografia a respeito dos escravos, esta rompe com a imagem de passivo do

escravo. Dentre as várias formas de resistir, o ato de ceder, negociar, assim como as fugas eram constantes, em busca da liberdade.

3.1 Ecos da escravidão no conto “o escravo” de Carolina de Jesus

O crítico literário Bosi (1975, p.31) argumenta que o conto funciona como uma espécie de “poliedro capaz de refletir as situações mais diversas de nossa vida real ou imaginária”, e, por deter uma pequena extensão, é capaz de expressar de forma breve o conflito que o envolve.

O conto “O escravo”, da escritora Carolina Maria de Jesus, carrega em si aspectos de um Brasil manchado pela escravidão, desde o tráfico, transatlântico, até o tráfico interno. Além das fugas e morte dos negros e o peso de ser de cor (como era falado na época com quem era negro) o escravo africano negro era uma propriedade do senhor que o comprava, ele não tinha direitos, políticos, sociais e econômicos, eram apenas instrumentos de trabalho. Assim inicia a narrativa:

Quando iniciaram o tráfico de negros para o Brasil os ricos do Rio de Janeiro foram os primeiros que compraram os negros para revender. Entre eles estava o meu bisavô, que foi revendido várias vezes. Como quem compra é dono, os pretos não tinham vontade própria (JESUS, 2018, p.93).

O recorte acima expõe a dinâmica da compra e venda dos escravos em mãos dos “ricos”, no Brasil. O uso do adjetivo popular acaba intensificando a ideia de lucro para quem já era muito rico à revelia de qualquer manifestação, uma vez que “os pretos não tinham vontade própria” (JESUS, 2018, p.93) estavam submetidos à vontade de um senhor, a quem pertence como propriedade.

O fato de o narrador personagem citar a prática recorrente do comércio humano escravo através da presença de um antepassado, o seu bisavô, pontua na trama narrativa uma verossimilhança dada pela experiência como traço da memória. Nesse processo,

A literatura pode, desta forma, colocar em evidência discursos muitas vezes marginalizados e não considerados pela História oficial, levando-nos a tomar consciência de algo muitas vezes escamoteado pelo discurso do vencedor (...) como forma de amenizar os horrores das ações humanas, a custo de todo um passado que ficou sem a redenção da denúncia, a possibilidade da rememoração, sendo silenciado pelo medo, pela censura (CHAVES, 2014, 73).

O citado conto, conforme título indica, faz referência à escravidão, por meio da narrativa ficcional sobre a fuga de um preto escravo. Cansado dos maus tratos, este foge para não mais apanhar de seu dono. Nessa fuga, para alcançar a liberdade, depara-se com os índios que o detêm:

Um preto apanhava muito e resolveu fugir. Embrenhou-se na mata. Andou indeciso até encontrar uma taba de índios. Quando eles viram o preto pensaram que era um macaco.

O preto quis fugir, mas foi atingido por uma flecha na perna e caiu gemendo. Os índios se aproximaram, observando-o, incrédulos, a sua cor preta. Cor da noite. Carregaram o preto para a taba. Retiraram a flecha e o sangue jorrou. (JESUS, 2018, p.93)

Além da fuga sem êxito pelo preto, uma vez que fora contido, o episódio seguinte que chama a atenção na narrativa está no fato dos índios não conhecerem a cor em humanos, associando de início o preto a “um macaco”; depois, “incrédulos”, “levaram o preto às margens do rio para lavá-lo. Começaram a esfregar o preto com uma pedra rústica para clareá-lo. Dois seguravam e outros esfregavam” (JESUS, 2018, p.93-94).

Embora a personagem não tenha nome e seja a cor a sua identificação na narrativa, o conto acaba por abrir espaço para a reflexão de que a questão primeira do negro não está exatamente na cor, mas nas relações de trabalho escravo. Relações estas, contudo, que encontram na cor a sua superficial identidade. A história do Brasil dá conta, porém, que as condições escravistas foram impostas não só aos negros africanos e descendentes, mas também aos índios de várias origens tribais.

Do ponto de vista conceitual, o termo escravo reduz o ser humano à mera condição de mercadoria, como um ser que não decide e não tem consciência sobre os rumos de sua própria vida, ou seja, age passivamente e em estado de submissão. Situação semelhante ao preto da narrativa de Carolina de Jesus. Contudo, verificando que este não se comporta passivamente na submissão e tem a atitude de fugir de uma situação opressora, ficando preso em outra, podemos dizer que o preto está em uma situação de escravizado. Essa situação traz à tona a arbitrariedade e o abuso da força dos opressores.

A trama do conto de Carolina de Jesus, no entanto, coloca o índio dentro de uma outra posição, é a voz que questiona e qualifica o comportamento do branco. Vejamos o trecho:

Eles provaram o sangue. Era doce igual ao sangue dos brancos. E era vermelho igual ao sangue das feras que eles abatiam. Falavam. E o preto não entendia. Mas o gemido do preto era igual ao das pessoas feridas. Pensaram: será que este homem de pele preta da cor da noite é melhor do que os brancos? Resolveram curar a ferida que sangrava. Puseram uma infusão, e a dor cessou. Deram ao negro frutas selvagens, carne de aves e peixe para comer (JESUS, 2018, p.93).

Usando o recurso da comparação, a autora descreve o momento em que se tem, de certo modo, o encontro entre as três etnias (branco, preto, índio), protagonizado agora pelo índio. Nesse fragmento, destacam-se dois elementos identificadores: o sangue e a linguagem. Pelo primeiro, cai por terra a teoria de haver qualquer diferença sanguínea que definisse a especificidade do preto ou branco. Já linguagem diferente além de indicar a diversidade de línguas, mostra ainda a possibilidade da linguagem não verbal para se estabelecer uma comunicação: “Mas o gemido do preto era igual ao das pessoas feridas” (JESUS, 2018, p.93) A curiosidade pensada pelo índio, “será que este homem de pele preta da cor da noite é melhor do que os brancos?” (JESUS, 2018, p.93), pontua de certa forma uma espécie de crítica na narrativa, que dá voz a alguém que não sabe quem é o preto aprisionado, mas revela saber muito bem quem é o branco.

No período da colonização brasileira, a História demonstra a relação conflituosa entre os brancos e índios, estes passaram a ser vistos por aqueles, além de mão de obra escrava, como um obstáculo para o seu acesso a terra. Para os indígenas, então, em vez de enfrentar os brancos, era mais prático refugiar-se no interior, onde o avanço do inimigo foi muito mais lento. Assim, quão surpreendente é a atitude para com o preto: “Resolveram curar a ferida que sangrava. Puseram uma infusão, e a dor cessou. Deram ao negro frutas selvagens, carne de aves e peixe para comer” (JESUS, 2018, p.93).

Essas atitudes de cuidado para com o preto por um momento leva o leitor a crer na conquista deste em ter se livrado do cativeiro. Entretanto, o zelo em receber comida e infusão, para sanar a sua dor, logo fora substituída pela atitude de lavar/esfregar, uma vez que “Os índios pensaram que a sua cor preta era sujeira” (JESUS, 2018, p.94). O texto pontua a “marca” do estigma, tendo sua cor de pele utilizada como o principal elemento de estigmatização. Fanon (2008) denominou esse processo de “esquema epidérmico” do sistema colonial, o arcabouço de discursos culturais, políticos e históricos de estigmatização do negro.

A partir de então, a narrativa segue regada por cenas de tortura e memórias do castigo dado aos negros no tronco, em detrimento aos tempos felizes na África: “Mas conservaram o preto amarrado com cipó e embira. O preto chorava e pensava na sua mãe, que devia estar amarrada no tronco. Recordava da África, onde ele era feliz e podia cantar ao som da cuíca e da canjarra” (JESUS, 2018, p. 93).

O negro enfrentou uma trajetória de segregação e lutas durante a escravidão. Assim como, no “processo da diáspora”,⁸ que se estabeleceu na difícil “trama” envolvendo os distintos homens e mulheres africanos mediante a capturação, os quais eram transportados em “navios negreiros” de forma extremamente agressiva, ao atravessar o oceano atlântico, sendo inseridos, portanto, em um “novo contexto”, até a formação de “novas identidades.” Dessa forma, “diáspora” não se configura unicamente na expressão “imigração à força”, porém, numa “redefinição identitária”, melhor dizendo, é um novo modo “de ser, agir e pensar no mundo”. Esses homens e mulheres submetidos ao escravismo sofreram maus tratos, no entanto, lutaram cotidianamente, vivenciando “novos elos afetivos” e “vínculos familiares.”⁹

No conto em análise, o personagem foge como fugiam muito dos escravos pra não serem escravizados, mas termina preso, submetido aos índios que

Um dia levaram o preto às margens do rio para lavá-lo. Começaram a esfregar o preto com uma pedra rústica para clareá-lo. Dois seguravam e outros esfregavam.

Deixaram o preto em carne viva. Ele chorava e morreu de dor. Os índios pensaram que a sua cor preta era sujeira. Pobre preto que ansiava a liberdade e encontrou a morte! Ou, de um jeito, ou de outro, o preto sempre encontra obstáculos na vida. (JESUS, 2018, p.93-94).

A selvageria da cena que culmina na morte do preto tende a silenciar face às palavras do narrador a observar o peso do determinismo (“de um jeito, ou de outro”), não restando ao negro saída a não ser uma vida cheia de obstáculos.

⁸ “A palavra diáspora foi originalmente usada no Antigo Testamento para designar a dispersão dos judeus de Israel para o mundo. Recentemente, tem se aplicado o mesmo vocábulo, por analogia à condição judaica, aos movimentos dos povos africanos e afro-descendentes no interior do continente negro ou fora dele. A diáspora traz em si a ideia do deslocamento que pode ser forçado como na condição de escravo, resultado de guerras, perseguições políticas, religiosas ou desastres naturais. Também pode ser uma dispersão incentivada ou espontânea de grandes massas populacionais em busca de trabalho ou melhores condições de vida”. (SANTOS, 2008).

⁹ ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/diaspora-africana/>>. Acesso em 13 de outubro de 2019.

Por sua vez, toda essa referência de limpar a “sujeira da cor preta” articula-se ao discurso do branqueamento¹⁰, dos ideais de purificação da raça, considerando que, para os ideólogos do branqueamento, o aprimoramento racial pressupunha a extinção da raça negra, promovendo o branqueamento da população dando origem a uma raça tipicamente brasileira e superior.

O que chama a atenção é que esse discurso se apresenta via o índio, outro grupo social silenciado. Sendo possível observar que, nesse discurso, Carolina acaba por tecer uma crítica social de repúdio ao racismo através de “sua estética moralizante” (ARRUDA, 2015, p.80).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou verificar como a questão da escravidão está posta na narrativa ficcional de Carolina Maria de Jesus, em específico, no conto intitulado “O escravo”. Por meio de uma narrativa curta, a autora habilita todo um contexto sociocultural em torno da questão do negro. Do cativo à manifestação de fuga, alguns conceitos acabaram entrando em pauta a exemplo da diáspora, da opressão, da busca pela liberdade, entre outros.

Em função do exposto, compreender as teorias deterministas raciais, em voga no cenário escravocrata brasileiro, é entender porque os negros, escravos, passaram a ser “objetos de ciência”, tornando-se perigosos, sendo definidos como diferentes e inferiores, pois era a partir da ciência que se estabeleciam as diferenças e as inferioridades.

A escrita literária de Carolina de Jesus possibilita ao leitor compreender a literatura como um mecanismo de manifestação cultural de um determinado povo. Assim, ao estabelecer um diálogo das gerações que a leem com os acontecimentos de gerações passadas, a exemplo do contexto da escravidão, permite está em contato com uma síntese sobre o papel do negro na sociedade, a sua luta, seu sofrimento traçados em sua identidade histórica.

Com efeito, ao buscar representar o fenômeno da escravidão, que alimentou o racismo e a discriminação presentes na sociedade, a escrita literária de Carolina de Jesus mostra o quanto é necessário fazer um estudo das representações

¹⁰ A teoria do branqueamento que surge entre os pensadores brasileiros defendia o caldeamento da raça e pressupunha que as características da raça superior superariam a inferior e que com a miscigenação a raça negra seria suplantada e desapareceria (SEYFERTH, 1996).

concretizadas no imaginário ficcional de nossa literatura, de forma possibilitar refletir sobre o racismo, e suas ramificações, para assim colocá-lo em questão, entender melhor as raízes que o alimentam, para que se possa desconstruí-lo.

Esse tem sido o espaço da Literatura Afro-brasileira que, em torno da discussão étnico-racial, rompe com as ideias eurocêntricas e dar voz aos marginalizados buscando uma identificação entre sujeito e objeto, e as histórias nascem da própria vivência. A arte acaba pondo em cheque a face de uma sociedade excludente, uma vez que historicamente negros e índios são representação humanas de lutas travadas diante dos “obstáculos na vida”.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.

ARRUDA, Aline Alves. **Carolina Maria de Jesus: Projeto Literário e edição crítica de um romance inédito**. Tese de Doutorado. Orientada pela profª Dra Constância de Lima Duarte. FALE/UFMG. Aprovada em 24 de abril de 2015.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BRAGA, Patrícia Colavitti. “O ensino de Literatura na era dos extremos”. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura** - Ano 03- n.05 - 2º Semestre de 2006.

CHAVES. “Memória e ficção: Em meio aos deslocamentos literários”. In: EM TESE BELO HORIZONTE v. 20 n. 3 set.-dez. 2014.

COSTA, Emilia Vioti da. **A Abolição**. 1. Ed. São Paulo: Global,1982.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDEZ, Raffaella (Org.). **Carolina Maria de Jesus: Meu sonho é escrever - contos inéditos e outros escritos**. 1ª ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude. Uma breve reconstrução histórica. **Revista de Ciências Sociais**, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. Londrina, 2005.

GONÇALVES, Dayane de Oliveira. De volta à negritude: das origens a alguns desdobramentos. Curitiba: **Revista Versalete**, 2016.

IANNI, Octavio. Literatura e Consciência. **Rev. Inst. Est. Bras.**, SP, 1988, 28:91-99.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KOVALSKI, Josuel; LOPEDOTE, Maria de Lourdes. A literatura e a imagem afro-brasileira. **Cadernos PDE**, Paraná: Secretaria de Educação, 2014.

MACHADO, Marília Novais da Mata. “Os Escritos De Carolina Maria De Jesus: Determinações E Imaginário”. In: **Psicologia & Sociedade**; 18 (2): 105-110; mai./ago. 2006.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: Experiência marginal e construção estética**. Dissertação de mestrado. Orientada pelo Prof. Dr. Mário Cesar Lugarinho. USP, São Paulo, 2013.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 25. (Org. Joel Rufino dos Santos), 1997.

SANTOS, José Antônio dos. “Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida”. In: MACEDO, JR., org. **Desvendando a história da África** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SEYFERTH, Giralda. “Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”. In: MAIO, M. C. e Santos, R. V. (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz/CCBB, 1996.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. RJ: Paz e Terra, 1976.

ANEXO A

O ESCRAVO (Carolina Maria de Jesus)

Quando iniciaram o tráfico de negros para o Brasil os ricos do Rio de Janeiro foram os primeiros que compraram os negros para revender. Entre eles estava o meu bisavô, que foi revendido várias vezes. Como quem compra é dono, os pretos não tinham vontade própria.

Um preto apanhava muito e resolveu fugir. Embrenhou-se na mata. Andou indeciso até encontrar uma taba de índios. Quando eles viram o preto pensaram que era um macaco.

O preto quis fugir, mas foi atingido por uma flecha na perna e caiu gemendo. Os índios se aproximaram, observando-o, incrédulos, a sua cor preta. Cor da noite. Carregaram o preto para a taba. Retiraram a flecha e o sangue jorrou.

Eles provaram o sangue. Era doce igual ao sangue dos brancos. E era vermelho igual ao sangue das feras que eles abatiam. Falavam. E o preto não entendia. Mas o gemido do preto era igual ao das pessoas feridas. Pensaram: será que este homem de pele preta da cor da noite é melhor do que os brancos? Resolveram curar a ferida que sangrava. Puseram uma infusão, e a dor cessou. Deram ao negro frutas selvagens, carne de aves e peixe para comer.

Mas conservaram o preto amarrado com cipó e embira. O preto chorava e pensava na sua mãe, que devia estar amarrada no tronco. Recordava da África, onde ele era feliz e podia cantar ao som da cuíca e da canjarra. Um dia levaram o preto às margens do rio para lavá-lo. Começaram a esfregar o preto com uma pedra rústica para clareá-lo. Dois seguravam e outros esfregavam.

Deixaram o preto em carne viva. Ele chorava e morreu de dor. Os índios pensaram que a sua cor preta era sujeira. Pobre preto que ansiava a liberdade e encontrou a morte! Ou, de um jeito, ou de outro, o preto sempre encontra obstáculos na vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao **Deus** da minha vida, pela fé que foi constante e mesmo diante de tantos obstáculos postos ao longo dessa jornada não me deixou desistir dos meus sonhos. És meu sustento em todo momento “Porque dEle e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente.” (Romanos,11:36)

À minha querida orientadora, **Profa. Dra. Maria Suely da Costa**, pela orientação, pelas correções e contribuições, pela paciência e apoio durante todo tempo de produção deste artigo, sempre dedicada, atenciosa, me incentivando e mostrando que tudo daria certo. O meu mais profundo agradecimento.

Ao meu querido esposo, **Eduardo Marques**, pela lealdade, o meu eterno agradecimento pela paciência e motivação constantes, tanto no âmbito pessoal como no acadêmico. Pois está sempre ao meu lado, me compreendendo e aconselhando. A você os meus sinceros agradecimentos.

À minha mãe, **Cícera Monteiro**, ao meu pai, **Severino Avelino**, e aos meus irmãos, por todo o incentivo que nunca me faltou, e hoje se alegram com minha conquista.

À minha prima e amiga, **Lucineide Batista**, pelos incentivos, pela amizade sincera e conhecimentos compartilhados.

Ao grande amigo e historiador, **Cleyton Silva**, pelo exemplo de pessoa e profissionalismo. Um agradecimento especial pelas contribuições para esse trabalho. Pelas palavras de encorajamento e conselhos para não desistir da jornada. Sou imensamente grata pelos incentivos, sobretudo, por sua amizade.

A todos os amigos do curso de Letras, pelos momentos e experiências compartilhadas, tornando a jornada menos árdua. De modo especial, às amigas, **Gisélia Ribeiro, Rayane Dias, Ana Kelly e Rosalva Nascimento**, pelas palavras de ânimo, pelo incentivo, principalmente, pela amizade sincera.

Ao casal, **Sra. Lourdes Soares e Sr. Luiz Pedro**, pelos ensinamentos, pelos incentivos e pelos cuidados durante os mais de cinco anos do nosso convívio, trago comigo seus exemplos de vida.

A todos que compõem o Departamento do Curso de Letras do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba. Obrigada!